

Capítulo 22

Presença de Deus

O preço que se paga na vida é o preço do amar a Deus, ao próximo e a si mesmo. Somos todos criaturas do Altíssimo e Ele, na sua Misericórdia, nos acolhe no seu amoroso regaço como uma verdadeira mãe. Dizem que Deus é Pai, mas as benesses Dele nas nossas vidas são muito mais do que isso, somente sendo coisa de mãe.

A eternidade que nos espera é indescritível. Todos nós, sem exceção, temos obrigações de reverenciá-Lo diante da grandeza que nos espera.

Morrer, neste contexto, representa tão pouco! Somos indefiníveis, a verdade é que sequer conhecemos a nós mesmos.

Deus está em nós, na realidade, nós somos deuses, como bem lembrou o Nosso Senhor Jesus Cristo, daí a oportunidade que Ele nos dá, a cada dia, de penetrar nos seus mistérios.

Todos temos desafios na vida. Superá-los é imperativo comum das nossas existências. Estar aqui, neste instante, então, é desafio grande para mim. Voltar para onde vivi e comunicar que continuo a existir é um desafio enorme.

Somos todos coroados pelo Pai por oportunidades ímpares, e esta é uma delas, sem dúvida.

Escrever onde escrevia. Meditar onde elucubrava pensamentos para o amanhã e agora refazê-lo noutra condição. Somente os mistérios dos desígnios do Pai para isso.

A cada instante novos desafios como este. Encará-los com naturalidade e submissão à vontade do Pai é dever de todos nós que necessitamos refletir adequadamente o porquê Ele nos traz estas oportunidades. Enquanto isto não ocorre, enquanto não compreendemos os seus desígnios, sigamos com Ele, confiando os nossos passos. A fé que nos move Nele deve ser o sustentáculo para a renovação das nossas esperanças.

Desafiar o inolvidável. Desafiar a nós mesmos, nossas crenças, nossa própria fé em entender melhor os seus desígnios é algo a ser pensado. Não é a destruição da nossa fé, mas a sua renovação constante.

Creiamos na Sua presença em nossas vidas e deixemos que o tempo, senhor da razão, nos traduza tudo aquilo que, por ora, não conseguimos alcançar.

Que Deus nos abençoe!

Capítulo 23

Dia negro

Há quantos falam por aí das cores. Imaginam que o ser humano é diferente, porque a tez de um é diferente da tez do outro. Uma raça específica, por conta disso, se torna superior a outra. Que ledô engano! Como poderíamos aferir a superioridade de um homem pela cor de sua pele? Somente muita presunção e desconhecimento da realidade espiritual para falar num despautério desses.

O homem, por si só, é uma individualidade, criação única de Deus, não há dois seres iguais por mais que se pareçam. A partir daí, do mistério da criação divina, podemos chegar rapidamente à conclusão: somos todos, sem exceção, absolutamente iguais perante Deus, porque cada um é filho do Altíssimo. Não há diferenças nem privilégios. Quem faz isso, quem procede à discriminação, são os homens, não Deus.

O princípio da igualdade se manifesta na criação divina, somos todos iguais, no entanto, nas diversas experiências que o Ser tem na Terra, ele se abriga em corpos diferenciados para o seu tentame existencial. Para isso, a roupa que veste é igualmente diferenciada. Numa existência pode vir negro, branco e assim sucessivamente.

Demorei a entender a este raciocínio, mas ele é justo